

# A Proeminência secundária rítmica no Português Europeu: uma proposta\*

Adelina Castelo

Escola Superior de Educação de Viseu

## 1. Introdução

Esta comunicação tem como objectivo contribuir para uma melhor compreensão da distribuição da proeminência secundária rítmica no Português Europeu (PE), no domínio da palavra prosódica, e baseia-se nos resultados de uma experiência de percepção, realizada no âmbito da nossa dissertação de mestrado (cf. Castelo, 2004).

Ao rever a literatura sobre a proeminência secundária no PE, verificamos que Pereira (1999) propôs a distinção de dois tipos de proeminência secundária: o acento secundário morfológico e o acento secundário rítmico. Vigário (2003), ao estudar a palavra prosódica, mostra como o acento secundário morfológico corresponde ao acento primário da palavra prosódica menos proeminente de uma palavra prosódica composta (e.g. *fotomontagem* – palavra prosódica composta pelas palavras prosódicas mínimas *foto* e *montagem*, correspondendo o acento primário de *foto* a um acento secundário morfológico em *fotomontagem*).

Quanto à proeminência secundária rítmica, encontramos na literatura três grandes propostas para descrever a sua localização. Andrade e Viana (1989, 1999), Pereira (1999) e Mateus e Andrade (2000) consideram que a localização desta proeminência é basicamente determinada por um princípio que gera um ritmo binário (e.g. *naturalização*<sup>1</sup>). Já Lüdtke (1953) e Brandão de Carvalho (1988) defendem que a distribuição da proeminência secundária está (parcialmente) relacionada com o facto de algumas vogais tornarem pesadas as sílabas de que fazem parte (e.g. *mercantilismo*). Frota e Vigário (2000) e Vigário (2003), as únicas autoras que baseiam a sua proposta num pequeno conjunto de dados experimentais, consideram que a proeminência secundária está associada à posição inicial de palavra prosódica (e.g. *a inteligência* / *a inteligência*). Verifica-se, pois, que a distribuição da proeminência secundária rítmica é ainda

---

\* Esta investigação foi realizada no âmbito do Projecto “Compreender a Fonologia: os constituintes fonológicos do Português Europeu” (FCT, POCTI / 33277 / L/JN / 2000). A participação neste *XXI Encontro* foi financiada pela Escola Superior de Educação de Viseu.

Gostaria de agradecer às Professoras Doutoras Maria Helena Mateus, Marina Vigário, Sónia Frota e Isabel Pereira, pela discussão deste trabalho, e às informantes, pela sua disponibilidade.

<sup>1</sup> Nesta comunicação, usamos as seguintes notações: sublinhado e negrito para o acento primário; negrito para o acento secundário morfológico; sublinhado para o acento secundário rítmico; e sublinhado itálico para o “acentos especial”.

mal conhecida para o PE e que quase todas as propostas existentes se baseiam apenas nas intuições dos linguistas e não em dados empíricos.

Para descrever e analisar os dados encontrados na experiência de que se ocupa esta comunicação, adoptamos propostas de vários quadros teóricos: da Fonologia Prosódica, a teoria de que os processos fonológicos fazem referência a constituintes fonológicos (cf. Nespor e Vogel, 1986; Nespor, 1999); da Fonologia Métrica e da Fonologia Rítmica, a ideia de que a localização dos acentos pode ser determinada por princípios rítmicos e/ou pelo peso silábico e a de que existem princípios eurítmicos, isto é, princípios que visam criar um ritmo maximamente alternante, evitando choques e lapsos acentuais (cf. Hayes, 1995; Nespor, 1999); e da Fonologia Lexical, a teoria segundo a qual existem dois tipos de processos fonológicos, os lexicais e os pós-lexicais (cf. Booij, 1994).

As hipóteses que pretendemos confirmar ou infirmar neste trabalho são apresentadas em (1).

- (1) a. A localização da proeminência secundária é basicamente motivada por:
  - i. um princípio rítmico (binário);
  - ii. o peso silábico;
  - iii. a delimitação de um constituinte prosódico;
  - iv. a interacção de dois ou três dos factores anteriores.
- b. O domínio da proeminência secundária consiste em:
  - i. a palavra prosódica mínima ( $\omega^{\min}$ );
  - ii. a palavra prosódica máxima ( $\omega^{\max}$ ).
- c. A proeminência secundária é um fenómeno pós-lexical.
- d. O contexto prosódico das palavras influencia a distribuição da proeminência secundária.

## 2. Metodologia

Na concepção deste trabalho experimental, optámos por procurar aceder aos padrões de acentuação secundária através da percepção de cinco falantes nativas, já que, segundo vários autores, este método se mostra mais eficaz do que a análise do sinal acústico.

Optámos igualmente pela leitura de um *corpus* por nós constituído, a fim de garantir um melhor controlo das variáveis que podem condicionar este processo.

As informantes de produção (InfProd) e as informantes de percepção (InfAudi) que seleccionámos apresentam características sociolinguísticas semelhantes às nossas, para nos facilitar a avaliação da naturalidade da leitura das InfProd.

Assim, na constituição do *corpus* tivemos em conta quatro variáveis:

- (i) os contextos prosódicos em que ocorrem as palavras (início de enunciado, U; início de sintagma entoacional, I; início de sintagma fonológico,  $\phi$ ; ou início de palavra prosódica,  $\omega$ ), definidos a partir dos algoritmos propostos por Nespor e Vogel (1986) para o U, por Frota (2000) para o I e o  $\phi$  no PE, e por Vigário (2003) para a  $\omega$  no PE;

- (ii) os tipos de palavra prosódica, tal como propostos por Vigário (2003) para o PE (incluindo o *corpus* 42 *ωs* simples, 39 *ωs* com adjunto e 44 *ωs* compostas, o que perfaz um total de 125 *ωs*);
- (iii) a qualidade das vogais nas três sílabas e nos três conjuntos silábicos iniciais (divididas em dois grupos: vogais nasais e não reduzidas vs. vogais reduzidas);
- (iv) o número de sílabas e de conjuntos silábicos pré-tônicos existentes nas *ωs*.

Assim, as 125 *ωs* do *corpus*, ocorrendo em quatro contextos prosódicos diferentes, dão origem a um *corpus* de 500 itens.

Convém explicitar que por conjunto silábico (CS) se entende uma sílaba com uma vogal foneticamente realizada como tal e, eventualmente, uma ou mais sílabas anteriores cujos núcleos não sejam foneticamente realizados como vogal. Esta distinção entre sílabas e CSs constitui uma distinção meramente operatória que permite verificar se as unidades relevantes para a atribuição da proeminência secundária são as sílabas ou as vogais foneticamente realizadas.

A recolha dos dados implicou a leitura do *corpus* por três InfProd, a escolha de uma leitura natural e com uma boa qualidade sonora e a identificação dos padrões de proeminência secundária percebidos por parte de cinco InfAudi com algum treino fonético. Todo este trabalho se baseia nas percepções das cinco InfAudi sobre os 500 itens, o que dá um total de 2500 respostas.

O tratamento dos dados consistiu na transcrição fonética e etiquetagem prosódica da leitura feita pela InfProd escolhida, na observação das regularidades existentes, sobretudo nas respostas concordantes (isto é, nas respostas iguais dadas por mais de três informantes para a mesma produção), e na análise quantitativa dos dados (que incluiu todos os dados para evitar um empobrecimento do *corpus* e porque a grande maioria das respostas está de acordo com as regularidades encontradas nas respostas concordantes). Os dados foram quantificados através de proporções, ou seja, foi calculado o número de ocorrências (de uma determinada característica nas proeminências identificadas) tendo em conta o número total de ocorrências possíveis. Essas proporções foram posteriormente convertidas em percentagens.

### 3. Apresentação e discussão dos dados

Ao analisar os dados encontrados, verificamos a necessidade de distinguir dois tipos de acentuação secundária: uma proeminência inicial, podendo ocorrer na posição inicial de *ω*, e uma proeminência que denominámos “acento especial”, ocorrendo apenas em certas combinações de morfemas.

#### 3. 1. Seis propostas sobre a proeminência inicial

Os dados levam-nos a fazer seis propostas para descrever as propriedades da proeminência inicial. Em primeiro lugar, a distribuição da proeminência inicial parece ser basicamente motivada pela *delimitação do seu domínio e pela saliência perceptiva*

de algumas vogais. De facto, esta proeminência pode ocorrer apenas no adjunto de  $\omega$  ou num dos três CSs pré-tónicos iniciais de  $\omega$ , correspondendo estas possibilidades à posição inicial do constituinte que, como veremos, é seu domínio. A escolha do CS em posição inicial que receberá a proeminência, por sua vez, depende do tipo de vogal nele presente, verificando-se que as vogais que designamos por “fortes”<sup>2</sup> – as nasais e as não reduzidas – constituem as preferencialmente acentuadas. Assim, para determinar quais os CSs que recebem a proeminência inicial, o PE parece utilizar aquilo que Hayes (1995) designa por “saliência perceptiva”, isto é, a integração na fonologia da língua das diferenças intrínsecas de perceptibilidade como forma de determinar a localização de proeminências. No PE, as vogais fortes parecem funcionar como “perceptivamente salientes” para a proeminência inicial, levando a uma atracção desta proeminência. De facto, pelo menos de um ponto de vista acústico, as vogais não reduzidas e as vogais nasais não arredondadas apresentam uma maior duração e uma maior intensidade intrínsecas (Delgado Martins, 1975). É provável que esta diferença nos valores acústicos se reflecta em diferenças de perceptibilidade, de audibilidade.

Exemplificando esta proposta com alguns dados do nosso *corpus*, constatamos que a proeminência inicial é opcional (e.g. *londrinos*, *missangas* e *dinastias* não apresentam qualquer proeminência inicial) e pode ocorrer no adjunto de  $\omega$  ou num dos três CSs pré-tónicos iniciais. Quando, na posição inicial de  $\omega$ , existem uma ou mais vogais fortes, é acentuada uma dessas vogais fortes (e.g. *complexificações*). Quando, na posição inicial, existem apenas vogais fracas, a proeminência secundária pode ser atribuída apenas ao adjunto, ao primeiro ou ao segundo CS (da  $\omega^{\text{min}}$ ) – e.g. *mini-aspiradores*.

Excepcionalmente, no caso dos adjuntos de  $\omega$ , a vogal fraca de uma das posições iniciais pode receber uma proeminência secundária, mesmo que exista uma vogal forte na outra posição inicial (cf. *subdesenvolvimentos*).

Padrão de proeminência inicial	Posição inicial com V forte(s)	Posição inicial apenas com V fraca(s)
0 proeminências proeminência no adjunto proem. no 1º CS de $\omega/\omega^{\text{min}}$ proem. no 2º CS de $\omega/\omega^{\text{min}}$ proem. no 3º CS de $\omega/\omega^{\text{min}}$	<i>londrinos</i> em <u>familiaridade</u> <u>elvenses</u> , <u>condições</u> <u>complexificações</u> a <u>fundamentação</u>	<i>missangas</i> , <i>dinastias</i> <u>subdesenvolvimentos</u> <u>interculturalidade</u> em <u>familiaridade</u> <i>não possível</i>

Quadro 1: Possibilidades de distribuição da proeminência inicial

A segunda ideia que defendemos é a de que o CS constitui a unidade relevante para a atribuição da proeminência inicial. De facto, observando a distribuição da

<sup>2</sup> Optámos pela designação de “fortes”, porque estas vogais atraem a proeminência secundária mas também não devem ser consideradas “pesadas” (adjectivo associado à quantidade vocálica). Para uma revisão dos motivos que levam a considerar que o PE não tem quantidade vocálica, veja-se Pereira (1999: secção 4.3.3) e Mateus e Andrade (2000: secção 6.3).

proeminência secundária tendo em conta o CS e tendo em conta a sílaba, verificamos que as proporções de proeminências atribuídas a cada CS mostram de forma mais clara a tendência para acentuar o início da  $\omega$ . Por exemplo, nas Figuras 1 e 2, verificamos que, enquanto a terceira sílaba apresenta 37% de proeminências, o terceiro CS apresenta apenas 24%.

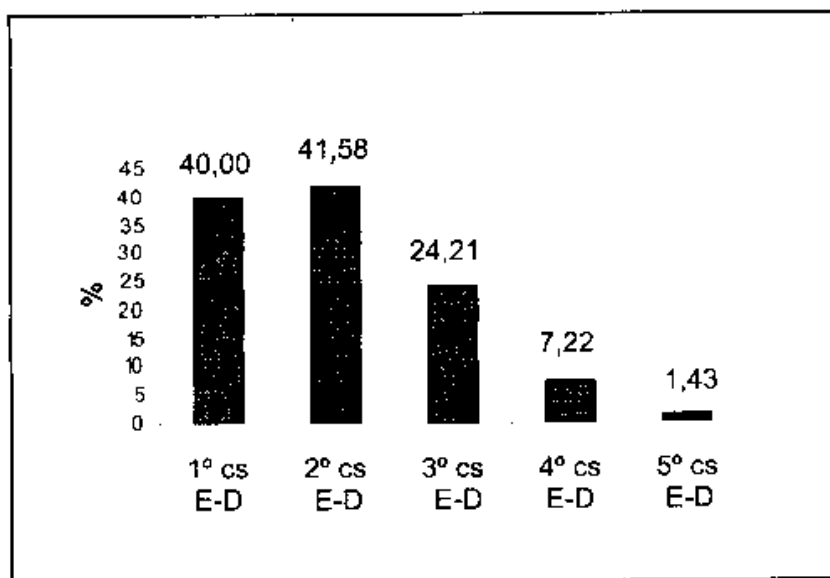


Figura 1: Proporções de proeminências iniciais percebidas nas  $\omega$ s simples, tendo em conta os CSs, no sentido esquerda-direita

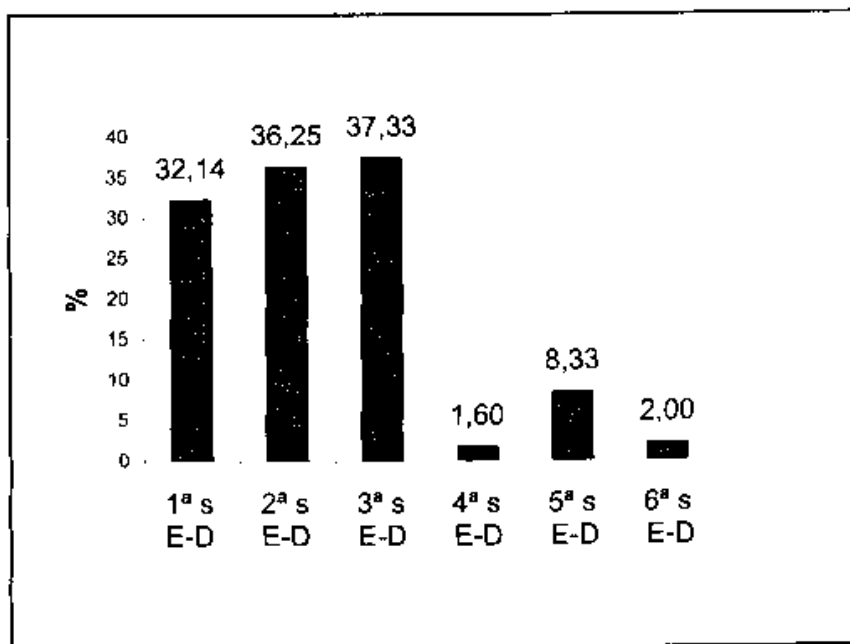


Figura 2: Proporções de proeminências iniciais percebidas nas  $\omega$ s simples, tendo em conta as sílabas, no sentido esquerda-direita

Quanto ao *domínio da proeminência inicial*, vários factos nos levam a considerar que se trata da  $\omega$  ou da  $\omega^{\min}$ . Nas  $\omega$ s simples, a proeminência ocorre num dos três CSs pré-tónicos iniciais.

Nas  $\omega$ s com adjunto, a proeminência inicial poder ser atribuída tanto ao adjunto, como a um dos três CSs pré-tónicos iniciais (cf. Figura 3). Este facto leva-nos a levantar a hipótese de as  $\omega$ s com adjunto apresentarem duas posições iniciais: a do adjunto e a dos três CSs pré-tónicos iniciais de  $\omega$  (base ou hospedeiro). Desta forma, não precisamos de pressupor que nas  $\omega$ s com adjunto a posição inicial engloba quatro CSs. Além disso, esta hipótese vai ao encontro de outros factos apresentados por Vigário (2003) para propor a existência de  $\omega$ s com adjunto.

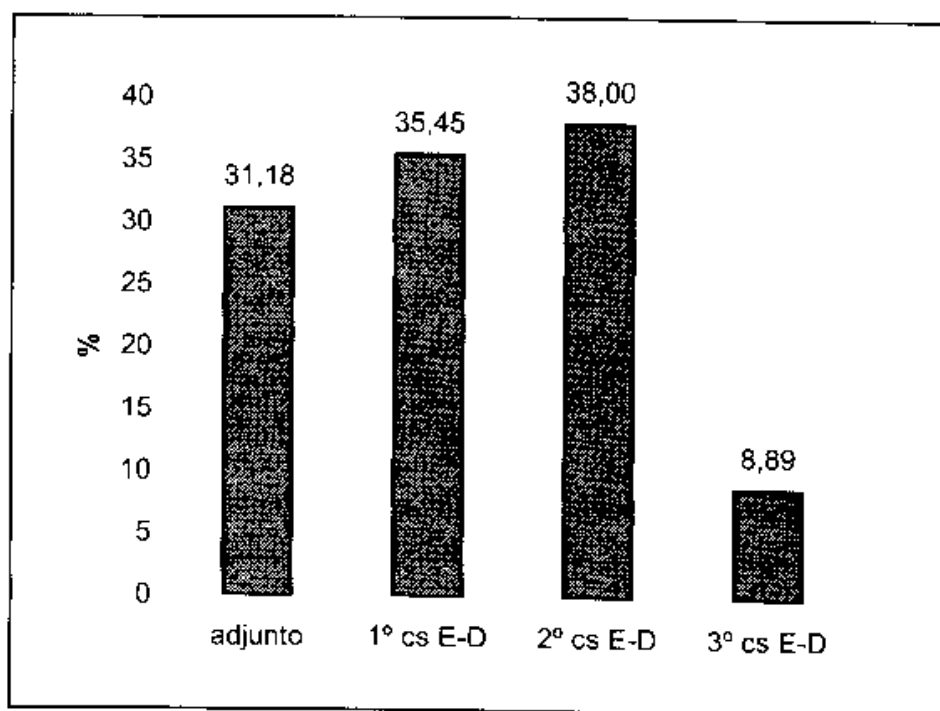


Figura 3: Proporções de proeminências iniciais percebidas nas  $\omega$ s com adjunto, tendo em conta os CSs, no sentido esquerda-direita

Nas  $\omega$ s compostas, a proeminência inicial ocorre num dos três CSs pré-tónicos iniciais de  $\omega^{\min}$  (isto é, na primeira ou na segunda  $\omega$ , numa das  $\omega$ s que constituem a  $\omega^{\max}$ ). Ao observarmos a Figura 4, que apresenta a distribuição das proeminências iniciais percebidas considerando a  $\omega^{\max}$  no seu todo, verificamos uma dispersão das proporções: são bastante altas desde o primeiro ao quinto CS. Se, pelo contrário, tivermos em conta apenas uma  $\omega^{\min}$  como a  $\omega_2$  (cf. Figura 5), constatamos que os CSs com uma maior proporção de proeminências são, novamente, os três CSs iniciais. Assim, o domínio da proeminência inicial parece ser não a  $\omega^{\max}$ , mas a  $\omega$  ou a  $\omega^{\min}$ .

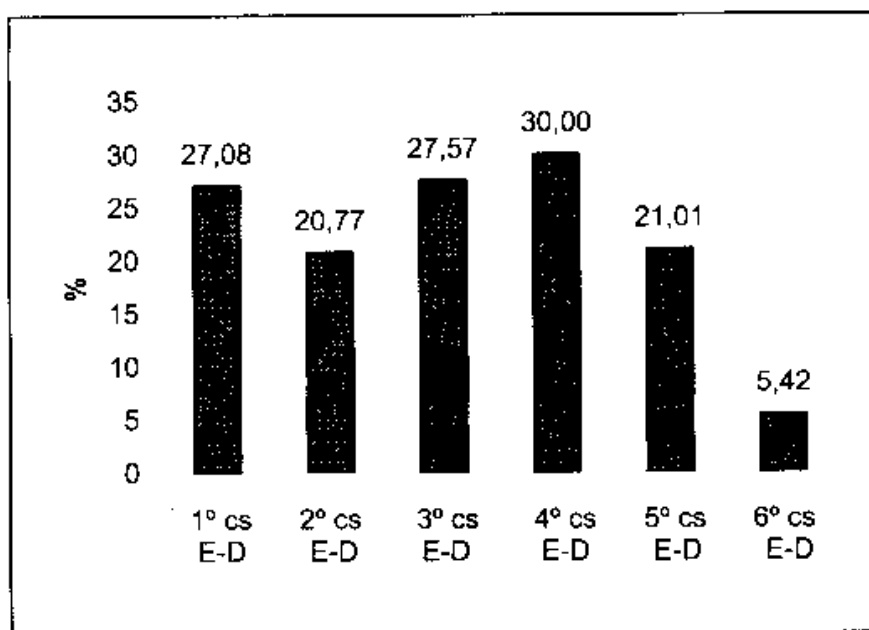


Figura 4: Proporções de proeminências iniciais percebidas nas  $\omega$ s compostas ( $\omega^{\max}$ )

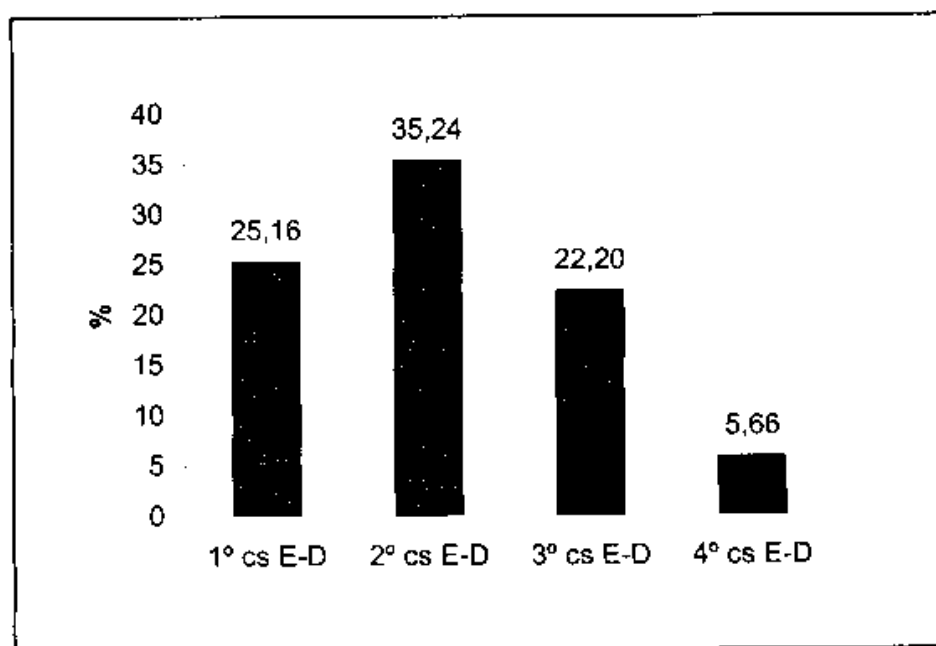


Figura 5: Proporções de proeminências iniciais percebidas na  $\omega_2$  das  $\omega$ s compostas

Uma quarta proposta acerca da proeminência inicial é a de considerar que os *princípios eurrítmicos* também condicionam a distribuição desta proeminência, actuando como uma condicionante adicional.

De facto, nos dados desta experiência, encontramos uma tendência para evitar lapsos acentuais, visível, por exemplo, na menor proporção de sequências com mais de três CSs átonos (cf. Quadro 2) e na influência do número de CSs pré-tónicos na escolha

do padrão de proeminência inicial. Nas  $\omega$ s com uma cadeia pré-tónica mais curta, é mais frequente a não atribuição de proeminência inicial, enquanto nas  $\omega$ s com uma cadeia pré-tónica mais longa, são mais frequentes as proeminências mais afastadas do início do domínio. Por exemplo, nas  $\omega$ s simples de três e quatro CSs pré-tónicos, predomina a proeminência secundária no segundo CS, enquanto, nas  $\omega$ s simples de cinco e seis CSs pré-tónicos, se verificam mais proeminências no segundo ou terceiro CS.

	3 CSs átonos (no total de $\omega$ s com mais de dois CSs pré-tónicos)	mais de 3 CSs átonos (no total de $\omega$ s com mais de três CSs pré-tónicos)
$\omega$ simples	22,28%	8,88%
$\omega$ com adjunto	21,86%	10,29%
$\omega 1$	27,50%	não existem
$\omega 2$	35,50%	13,25%
<b>Média</b>	<b>26,40%</b>	<b>10,91%</b>

Quadro 2: Proporções de sequências de CSs átonos ao nível de  $\omega^{\max}$  (todas as respostas)

Os dados revelam ainda uma tendência para evitar choques acentuais. De facto, os choques entre proeminências secundárias e acentos morfológicos em  $\omega^{\max}$  (isto é, acentos primários e acentos secundários morfológicos) parecem ser proibidos no caso das vogais fracas, pois existe uma proporção muito baixa no conjunto de todas as respostas (cf. Quadro 3) e nenhum exemplo nas respostas concordantes.

No caso das vogais fortes, estes parecem ser apenas evitados, uma vez que já existem em proporção mais elevada (cf. Quadro 3) e ocorrem entre as respostas concordantes.

Proporções (%)	$\omega$ simples		$\omega$ compostas			
	choques com ac. primário ( $\omega$ com 1 CS pré-tónico)	choques com ac. primário ( $\omega$ com >1 CS pré-tónico)	choques com ac. primário	choques com acento secundário morfológico seguinte (em $\omega 1$ )	choques com acento secundário morfológico anterior (proem. no 1ºCS de $\omega 2$ )	<u>não-choques</u> com ac. sec. morfológico anterior (proem. no 1º CS de $\omega 2$ )
V fortes	49,41%	40,90%	29,03%	36,25%	21,00%	40,00%
V fracas	23,33%	0,51%	0,86%	5,00%	1,66%	17,20%

Quadro 3: Proporções de ocorrência de choques com acentos morfológicos nas  $\omega$ s simples e nas  $\omega$ s compostas, tendo em conta os dois grupos de vogais (todas as respostas)

Os choques entre proeminências secundárias (isto é, entre proeminências iniciais ou entre proeminência inicial e acento especial) parecem ser proibidos, já que ocorrem



em proporções muito baixas no conjunto de todas as respostas e nunca se verificam entre as respostas concordantes.

$\omega$ simples			$\omega$ compostas		
choques entre proem. iniciais (V fortes)	choques entre proem. iniciais (V forte / V fraca)	choques entre proem. inicial e ac. especial	choques entre proem. iniciais (V fortes)	choques entre proem. iniciais (V forte / V fraca)	choques entre proem. inicial e ac. especial
12,80%	1,82%	1,43%	0,00%	0,72%	2,50%

Quadro 4: Proporções de ocorrência de choques entre acentos secundários nas  $\omega$ s simples e nas  $\omega$ s compostas, tendo em conta os dois grupos de vogais (todas as respostas)

A quinta propriedade que podemos atribuir à proeminência inicial é o facto de a sua distribuição ser adicionalmente condicionada pelo *contexto prosódico*. Parece existir uma tendência para atribuir uma proeminência inicial a  $\omega$  /  $\omega^{min}$  em início de sintagma entoacional, já que, neste contexto prosódico e também no início de enunciado (sendo que o início de um U constitui, simultaneamente, o início de um I), ocorre uma proporção ligeiramente mais elevada de proeminências iniciais.

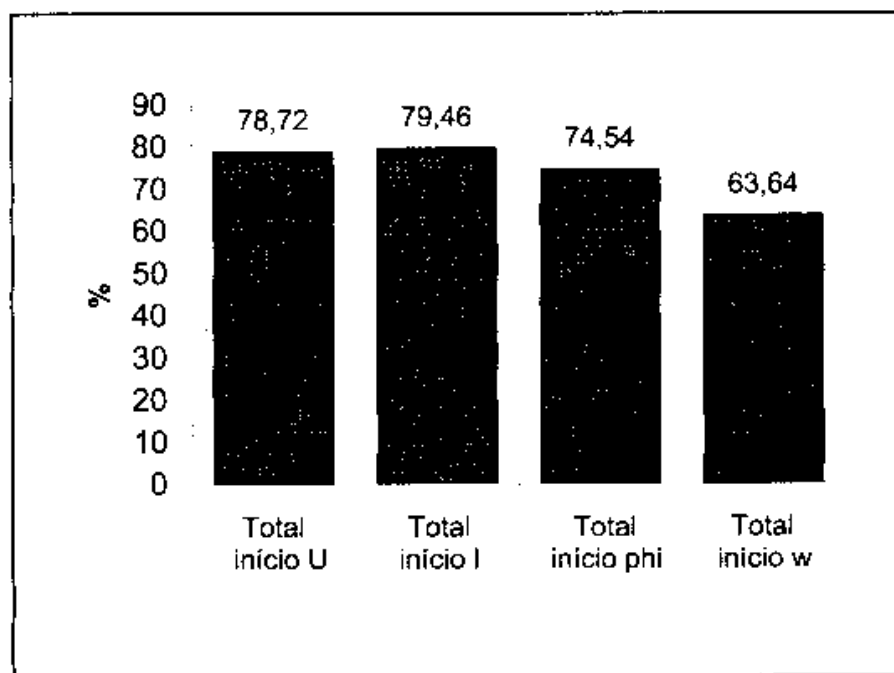


Figura 6: Proporções de proeminências iniciais percebidas nos diferentes contextos prosódicos

Finalmente, uma sexta propriedade da proeminência inicial é o facto de esta apresentar as características de um *processo pós-lexical*: é opcional; é posterior a processos pós-lexicais (como a supressão de vogais átonas, a semivocalização de V1 e a formação dos sintagmas entoacionais); e mostra-se sensível apenas a informação

fonológica (como a relativa ao seu domínio, à localização dos restantes acentos e ao tipo de vogal).

### 3. 2. Duas propostas sobre o acento especial

Quanto ao acento especial, os dados levam-nos a fazer duas grandes propostas: em primeiro lugar, este acento apresenta uma *distribuição muito menos variável* do que a da proeminência inicial; em segundo lugar, a sua *distribuição não é influenciada pelo contexto prosódico*. Assim, trata-se de um acento opcional, que, quando se verifica, ocorre sempre sobre uma combinação específica de morfemas (*-iza-ção* ou *-ifíca-ção*), na segunda sílaba antes do acento primário (independentemente do número de sílabas pré-tónicas da palavra) e pode co-ocorrer com diferentes padrões acentuais em  $\omega$  /  $\omega^{\min}$  (zero proeminências, proeminência na segunda sílaba... – cf. os exemplos: *pró-federalização* ou *pró-federalização*; *tuberculinizações* ou *tuberculinizações*).

Os dados sobre este tipo de acento secundário não nos permitem, no entanto, responder a várias questões, nomeadamente às questões que apresentamos abaixo e deixamos em aberto para investigações futuras sobre o tema:

- Trata-se de um processo lexical (já que usa informação morfológica)?
- Se sim, como explicar a sua opcionalidade?
- Que tipo de princípios determinam a sua distribuição: princípios rítmicos?

### 3.3. Relação entre a proeminência inicial e o acento especial

A proeminência inicial e o acento especial parecem constituir dois processos independentes de associação de proeminência secundária, já que a distribuição de cada um deles é determinada por princípios diferentes. Enquanto a localização do acento especial é completamente independente da proeminência inicial (ocorre sempre nas mesmas combinações de morfemas e pode co-ocorrer com diferentes padrões de proeminência inicial), esta última já parece ter em conta a localização do acento especial, evitando-se os choques acentuais.

Assim, com base na descrição e na análise dos dados, elaborámos uma síntese que nos permite predizer quais são os padrões possíveis de acentuação secundária e que apresentamos em (2).

(2) A proeminência secundária rítmica no domínio da  $\omega$  no PE (síntese)

- I. **Acento especial (opcional)** Atribua um acento à combinação de morfemas *-iza-ção* ou *-ifíca-ção*, na segunda sílaba antes do acento primário.
- II. **Proeminência inicial (opcional)** Atribua uma única proeminência inicial a uma das posições iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$  (adjunto ou três CSs pré-tónicas iniciais de  $\omega/\omega^{\min}$ ), tendo em conta as seguintes condições, relativas a três factores:

a. *Saliência perceptiva*

- i. Em posição inicial com um ou mais CSs incluindo vogais fortes (vogais nasais e vogais não reduzidas), acentue uma das vogais fortes.
- ii. Em posição inicial apenas com CSs incluindo vogais fracas ([i, i, u, e]), acentue o primeiro ou o segundo CS.
- iii. Em  $\omega/\omega^{\min}$  com duas posições iniciais, acentue preferencialmente aquela que contenha um ou mais CSs incluindo uma vogal forte.

b. *Princípios de eurrítmia (condicionante adicional) – em  $\omega/\omega^{\max}$*

- i. Não provoque choques de proeminências iniciais com acentos especiais.
- ii. Não provoque choques de proeminências iniciais sobre vogais fracas com acentos morfológicos.
- iii. Evite choques de proeminências iniciais sobre vogais fortes com acentos morfológicos.
- iv. Evite lapsos acentuais (mais de três CSs átonos).

c. *Contexto prosódico (condicionante adicional)*

Atribua uma proeminência secundária preferencialmente a  $\omega/\omega^{\min}$  no início de sintagma entoacional.

Tendo em conta estas propostas para a acentuação secundária do PE, podemos levantar algumas hipóteses acerca do seu papel na fonologia da variedade em questão. Assim, a proeminência secundária parece desempenhar duas funções na fonologia do PE. Por um lado, a proeminência inicial contribui para uma marcação mais evidente das fronteiras de  $\omega$  e de I, na medida em que ocorre na posição inicial de  $\omega$ , sobretudo quando essa  $\omega$  se encontra no início de um I. Por outro lado, tanto a proeminência inicial como o acento especial contribuem para a criação de um ritmo da língua caracterizado por intervalos preferencialmente regulares entre acentos ao nível de, pelo menos,  $\omega^{\max}$ , já que a distribuição destas proeminências parece ter em conta princípios eurrítmicos.

#### 4. Conclusões

Apesar de a quantidade de dados utilizados ser relativamente reduzida e oriunda de apenas uma informante produtiva, a análise dos resultados desta experiência levou-nos a algumas conclusões que terão, obviamente, de ser confirmadas com um conjunto maior de dados.

Resumindo essas conclusões, verificámos a necessidade de distinguir dois processos de acentuação secundária rítmica: a proeminência inicial e o acento especial.

Ao apresentar a proeminência inicial, fizemos seis propostas: a posição inicial de  $\omega$  e a saliência perceptiva constituem as motivações básicas para a sua distribuição (confirmando-se assim a hipótese de que a distribuição da proeminência secundária poderia resultar da interacção entre dois ou mais factores); o CS é a unidade relevante para a sua distribuição; a  $\omega$  ou  $\omega^{\min}$  constitui o seu domínio; os princípios eurrítmicos

actuam como condicionante adicional da sua distribuição; o contexto prosódico influencia a sua distribuição (confirmando-se a hipótese (1d)) e este processo revela-se pós-lexical (facto que confirma hipótese (1c)).

Para o acento especial, apresentámos duas propostas: a de que a sua distribuição é muito menos variável, podendo ocorrer apenas sobre as combinações de morfemas *-iza-ção / -ifica-ção* e a de que, ao contrário do que parece acontecer com a proeminência inicial, a sua distribuição não é influenciada pelo contexto prosódico.

Finalmente, defendemos que a acentuação secundária rítmica parece desempenhar duas funções na fonologia do PE: a criação de um ritmo com proeminências em intervalos tendencialmente regulares e a indicação da estrutura prosódica.

## Referências

- Andrade, Ernesto e Maria do Céu Viana (1989) Ainda sobre o acento e o ritmo em português. In *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 3-15.
- Andrade, Ernesto e Maria do Céu Viana (1999) Constantino e os acidentes de Constantinopla: os acentos do Português e do Castelhana. In Palmira Marrafa e Maria Antónia Mota (orgs.) *Linguística Computacional: Investigação Fundamental e Aplicações*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 79-95.
- Booij, Geert (1994) Lexical Phonology: a Review. *Lingua e Stile* a. XXIX (4), pp. 525-555.
- Brandão de Carvalho, Joaquim (1988) Réduction vocalique, quantité et accentuation: pour une explication structurale de la divergence entre portugais lusitanien et portugais brésilien. *Boletim de Filologia*, vol. XXXII, pp. 5-26.
- Castelo, Adelina (2004) *A Proeminência Secundária no Português Europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Delgado Martins, Maria Raquel (1975) Vogais e consoantes do Português: estatística de ocorrência, duração e intensidade. *Boletim de Filologia*, vol. XXIV, pp. 1-11.
- Frota, Sónia (2000) *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*. New York, Londres: Garland Publishing.
- Frota, Sónia e Marina Vigário (2000) Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In Rui Vieira de Castro e Pilar Barbosa (orgs.) *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Vol. I*. Coimbra: APL, pp. 533-555.
- Hayes, Bruce (1995) *Metrical Stress Theory. Principles and Case Studies*. Chicago, Londres: The University of Chicago Press.
- Lüdtke, Helmut (1953) Fonemática Portuguesa II: vocalismo. *Boletim de Filologia* 14, pp. 197-217.
- Mateus, Maria Helena e Ernesto Andrade (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Nespor, Marina (1999) Stress domains. In Harry van der Hulst (org.) *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter, pp. 117-159.
- Nespor, Marina e Irene Vogel (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.
- Pereira, Isabel (1999) *O Acento de Palavra em Português. Uma Análise Métrica*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Vigário, Marina (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter.